

Universidades Lusíada

Neves, Victor, 1956-

Editorial

<http://hdl.handle.net/11067/4883>

Metadados

Data de Publicação	1999
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-17T01:23:31Z com
informação proveniente do Repositório

EDITORIAL

VICTOR NEVES

O segundo número das “Sebentas d’Arquitectura” é dedicado ao tema do **habitar**. Este é seguramente um tema quase omnipresente nas preocupações dos arquitectos e dos alunos de arquitectura, porque é uma parte substancial da própria definição da Arquitectura - ou pelo menos de uma “possível” definição de Arquitectura, mais abrangente, que se possa encontrar na contemporaneidade. Continua (ainda) a ser consensual que a conformação e construção do espaço constitui o objectivo último da Arquitectura, mas que esse espaço não tem sentido verdadeiramente arquitectónico se não tiver condições optimizadas para ser **habitado**...

Construir e criar as condições qualitativas do **habitar**, constitui assim, o núcleo essencial da condição arquitectónica, que demarca, nomeadamente, a diferença entre a Arquitectura e outras artes.

Em que consiste este **habitar** (arquitectónico)? - Quais as propriedades qualitativas que sugerem a condição de “poder” habitar ou de “ser” habitado?

Estas são questões que têm interessado um grande número de arquitectos e em particular os críticos e teóricos da arquitectura, sobretudo a partir dos anos 40 e do pós-guerra.

Em Portugal, recorde-se, a questão da habitação, constituiu o principal tema do I Congresso Nacional de Arquitectura em 1948. O tema do habitar tem, por outro lado, interessado vivamente a outras disciplinas e áreas do conhecimento

que, directa ou indirectamente, têm analisado essa questão em perspectivas diferenciadas - da Sociologia; da Economia, das religiões, da Ciência, etc,etc. Razão pela qual nos pareceu interessante propor o tema do **habitar** para este segundo número das "Sebentas d'Arquitectura". Natural, por isso que, para além dos arquitectos, também professores ligados à Geografia; à Sociologia e à História tivessem colaborado neste número, analisando e desenvolvendo aspectos localizados que têm a ver, por exemplo, com os níveis de conforto na habitação, com as incidências das condições ambientais no habitar, com a relação casa-cidade, com a imaginação e a tradição no habitar, ou com os modelos da habitação económica do Estado Novo.

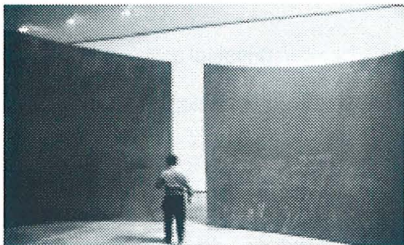
Mas, numa perspectiva mais actual que nos é sugerida pela realidade presente e que nos desperta questões e algumas dúvidas para o futuro, a temática do **habitar** centra-se numa discussão mais filosófica e estética que já não é aquela que foi exaustivamente analisada e especulada pela Fenomenologia, sobretudo a partir dos textos de Heidegger.

A ideia de um habitar, mais actual e contemporâneo, centra-se em novos conceitos de vida e num novo projecto do mundo que tem por detrás algumas perguntas ainda não respondidas:

1-Que vai ser do mundo no futuro?- Que perspectivas temos no plano ambiental, no plano político e ideológico, ou no plano social?

2-Qual vai ser o protagonismo da Arquitectura, enquanto disciplina do saber, nesse novo mundo?

3- Que incidências vão ter as mudanças tecnológicas no mundo, e que consequências terão essas tecnologias no homem, na sua capacidade de perceber e entender o espaço e o tempo?- Que implicações terão essas novas tecnologias em novas formas de "habitar" o espaço e em novas dimensões do espaço (na realidade virtual do cyber-espaço, por exemplo) ;ou no cenário de novas ideologias políticas (que substituam as actuais cada vez mais caducas),



1

de novas crenças religiosas e de novas vanguardas artísticas que necessariamente terão de surgir após a crise actual de fim de século? -Ou seja: a visão poética de um “habitar” poético sobre o qual Heidegger, através de Hölderlin, especulava (e também Bachelard no seu “La poétique de L’espace”) tem alguma lógica no futuro?

Full of merit, yet poetically, man

Dwells on this earth

Afinal, tem algum sentido este pedaço do poema de Hölderlin num mundo dos “não-lugares” de que fala Marc Augé, incaracterísticos, modulares, tecnologicamente “perfeitos que caracterizam a nossa sociedade actual e em que os aeroportos já substituíram os museus enquanto ícones dessa sociedade? É isto que leva alguns arquitectos (e filósofos) a evocar a absoluta desnecessidade de insistir numa “poética” do habitar, encarando-a como uma mera, escusada e piegas nostalgia que se baseia numa visão já desactualizada do Mundo e da Natureza. Na mesma linha, aliás, evoca-se a desnecessidade de conhecermos a imagem real de uma manada de vacas numa paisagem bucólica (e poética), quando se sabe que a ciência actual pode produzir vacas geneticamente controladas, cujas imagens e estrutura são acessíveis em qualquer computador pessoal, através da Internet.

“Poeticamente, o homem habita”, dizia o poeta. A poesia é aquilo que primeiro impele o homem para a terra , fazendo com que ele se sinta parte dessa terra, dizia Heidegger. De facto, e apesar de tudo, a tradição resiste (o homem resiste). Resiste pela memória dos espaços e das arquitecturas que nos suscitam significados; pelos seculares métodos de conformar os espaços aos nossos hábitos, no saber construir-pedra sobre pedra; tijolo sobre tijolo (como nos foi ensinado); no saber pintar muros e paredes, caixilhos, puxadores, chaminés,



2

com um sentido prático e com um uso estético das imagens assim criadas que nos reconfortam os olhos e a alma. Tudo isto está ainda muito longe do saber construir com placas de titânio (como acontece no Museu Guggenheim de Bilbao) e da assimilação plena da imagem (já internacionalizada) da cor cinzenta; às vezes resplandecente, dessas placas. Mas está ainda muito perto das imagens das casas de Eduardo Souto-Moura com muros revestidos a pedra (como na casa Bom Jesus, em Braga) ou da brancura da Malagueira de Siza Vieira.

O **habitar** continuará, pois (aparentemente) a confrontar-nos com os fenómenos universais da Arquitectura, porque continuará a extravasar o mero conceito de “morar” e de “dar abrigo” ao homem e continuará a acompanhar a sempre inevitável contradição entre a Arquitectura entendida como uma arte que nos enche os olhos (cada vez mais nesta nossa sociedade mediática) e a necessidade pragmática de ter paredes e um tecto para **habitar** com conforto para o corpo e para o espírito.



3

Abril 1999

Ilustrações

- 1- Richard Serra: “Torqued Ellipse” (aço auto-oxidável) - Museu Guggenheim- Bilbao
- 2 - Frank O. Gehry : Museu Guggenheim- Bilbao.
- 3 - Eduardo Souto-Moura : Casa Bom Jesus-Braga